



Resenha de *A extinção das abelhas*, de Natália Borges Polesso

Camila Geovanna Alves da Silva (UFPE)¹

POLESSO, Natália Borges. ***A extinção das abelhas***. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 312p.

Publicado em julho de 2021 pela Companhia das Letras e indicado ao 64º Prêmio Jabuti, *A extinção das abelhas* é o segundo romance da escritora, pesquisadora e tradutora sul-riograndense Natália Borges Polesso. Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, Polesso também é autora de *Amora* (2015), livro vencedor da categoria “Contos e Crônicas” do 58º Prêmio Jabuti, e coautora de *Corpos secos* (2020), vencedor do 63º Prêmio Jabuti na categoria “Romance de Entretenimento”. Com um estilo despojado e frases concisas, as narrativas de Polesso frequentemente retratam as relações homoafetivas entre mulheres, as práticas de dominação de gênero e classe e as consequências dos estágios avançados da ideologia e ética capitalistas na etologia e nos ecossistemas dos países colonizados.

Em *A extinção das abelhas*, acompanhamos a história de Regina, uma mulher de quarenta anos que lida com os traumas do abandono de sua mãe e da morte precoce de seu pai. Adotada por um casal de mulheres desde quando se tornou órfã, Regina compartilha a vida com sua irmã adotiva, Aline, vítima de um estupro sofrido enquanto voltava para casa depois do trabalho. Segmentado em duas partes, o romance oscila entre a narração de Regina, em primeira pessoa, e a narração onisciente que focaliza a história de sua mãe e, posteriormente, o colapso da Terra.

Com o término de seu relacionamento amoroso e a ida de sua irmã para Londres, Regina enfrenta um longo período de solidão. Frente a uma Porto Alegre acometida pelas bruscas mudanças climáticas, pelo acúmulo de lixo e a subsequente onda de doenças, pelas políticas estatais capitalistas que negligenciam assistência às cada vez mais numerosas pessoas em situação de rua, Regina testemunha a intensificação das barreiras de classe e das práticas de segregação social em um dos mais importantes polos urbanos do país. Com efeito, o romance

¹ Graduanda em Letras (bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: camilagasilva@outlook.com



é atravessado pela representação dos problemas sociais pungentes da última década, dos quais a fome, a insegurança alimentar e a dificuldade de digno acesso a alimentos nutritivos:

Sentei para descansar sobre uma pedra, num canteiro entre uma BR e uma caçamba de lixo, e vi uma sacolinha plástica pendurada do lado de fora. [...] Cheguei perto. Olhei. Parecia estar quente. Não era do sol. [...] Abri. Era arroz com carne. O cheiro estava maravilhoso. Quem põe comida boa no lixo? Olhei ao redor. Portões altos e prédios ainda mais altos ou portões altos que escondiam, atrás de árvores mais altas, casas brancas com escadarias, piscinas e carrões. Peguei uns grãos. O gosto era compatível com o cheiro. Fiz da mão uma concha e enfiei uma, duas, três vezes na boca, e aquilo era o paraíso. Fazia dias que eu não comia uma boa refeição, estava passando a bolachinha e pão. Não cagava havia dias. A mulher na parada de ônibus me olhava aterrorizada. Larguei a sacola plástica no chão e saí. Como cheguei aqui? Como cheguei neste ponto? (POLESSO, 2021, p. 171-172).

Em meio às crises do capitalismo global, ao genocídio das populações nativas para fins de exploração e lucro sobre terras preservadas e recursos naturais e à intensificação de manifestações favoráveis aos discursos de dominação racial e de gênero, Regina se vê coagida a aderir ao formato neoliberal de (sobre)vivência.

Ao declarar perdida a luta contra o desemprego e os trabalhos extras fora do amparo das leis trabalhistas, Regina se inscreve em um site de prostituição digital. “Se você é sexualmente livre e liberad@, se você gosta de se exibir, tendo ou não experiência, esta pode ser uma oportunidade lucrativa para você!” (POLESSO, 2021, p. 54), anuncia o site de *camgirls*, no que parece ser um retrato da apropriação das pautas de libertação pelo discurso empreendedor lucrativo de iniciativa privada. O anúncio, em um tom comum às propagandas veiculadas nos meios de comunicação, se revela como um dos métodos de emboscada para impelir o subemprego às minorias marginalizadas, mascarando a nocividade de seu discurso ao associar a liberdade individual ao que é senão uma metamorfose das práticas de dominação de classe.

Sob uma máscara de gorila, Regina realiza performances eróticas calcadas nas demandas dos interessados. Seu interesse, no entanto, é, senão nulo, mínimo. A performance sendo possível somente através da dissociação do eu pela assunção da máscara, Regina se torna um elemento em transgressão dos limites entre humano e não-humano, ser e objeto, vivo ou apenas animado, de modo que o efeito da troca sexual se torna semelhante ao da troca mercantil. “Cansei de não sentir nada, [...] só um calor desumano na cabeça [...]. Eu gozava e não gozava, e o peso e a tensão continuavam lá dentro de mim, em cima de mim, ao meu redor. Não



adiantava. Sequestraram o meu gozo. Sequestraram o meu prazer”, confessa Regina. “Até que eu tirei a máscara” (POLESSO, 2021, p. 191).

Semelhantemente à sensação provada por Regina ao usar a máscara, embaixo da qual “era difícil respirar”, a impressão de sufocamento é sentida pelos habitantes da Terra no momento do colapso final. “[...] colapso é real”, afirma Regina. “Eu sei. Eu vi. As abelhas. O fogo todo quando explodiu. O segundo sol. Terra arrasada” (POLESSO, 2021, p. 282), ao que conclui com um pedido de socorro: “Me tira desse pesadelo” (POLESSO, 2021, p. 283). Ameaçada de desabamento e abandonada às intempéries, o estado da casa de Regina parece mimetizar o da Terra. Ambas assistem à gradual, porém rápida, transformação do corpo em mercadoria, da afetividade em moeda de troca, da diferença em forma de multiplicidade lucrativa e, aos moldes das tecnologias de *streaming*, da utilização do mundo virtual para atender à demanda pela compra do prazer sexual.

A representação da violência de gênero no romance, exemplificada no estupro de Aline, nos remete a uma prática antiga que, porque ainda exercida na contemporaneidade, nos revela a perduração de uma das mais remotas, talvez a mais antiga, formas de dominação: o patriarcado. O cometimento do estupro ou da violência sexuada toma os pressupostos e os interesses das microestruturas hierárquicas do capitalismo, das quais depende para manter sua hegemonia. Tais práticas de discriminação, opressão e violência dizem respeito ao que Rita Segato (2018, 2022) define por “mandatos de masculinidade”. Seriam esses os atos violentos performados por homens a fim de provar e ter reconhecida sua própria masculinidade como forma de garantir e manter o posto superior na hierarquia de dominação patriarcal.

E, nesse sentido, de tornar o corpo das mulheres um território, um espaço de comunicação em que, pelas vias da violação e da profanação, o significado não é outro senão o alcance do poder, do “espetáculo do ‘eu’ como dominador, como devorador de um alter nutritivo na busca por um posicionamento como sujeito de poder” (SEGATO, 2022, p. 18). E de, com isso, demarcar “o predicado de um posicionamento masculino: os poderes sexual, físico, bélico, econômico, político, intelectual, e moral” (SEGATO, 2022, p. 20). Não é de surpreender que, associados aos movimentos políticos conservadores, a reivindicação por armas, os ataques à transição de gênero e à não-binariedade, bem como à não submissão de mulheres à performance da feminilidade tradicional.



Frente à ascensão de práticas e manifestações neofascistas e à radicalização de um neoliberalismo que atualiza as práticas de dominação herdadas de quase trezentos anos de colonização, o romance de Natália Borges Polesso equaciona a consequência de tais processos históricos com os sintomas e a concretização da catástrofe climática intensificada pelos articuladores da ideologia neoliberal. Elaborada através da forma literária, a catástrofe é intensificada a ponto de beirar o retrato de um futuro distópico, ainda que, face ao alcance da ideologia capitalista e sua ética da destruição, os eventos narrativos do romance de Polesso possam se revelar antes uma mimese do presente do que do futuro.

Finalmente, o romance parece veicular a mensagem que vem sendo emitida pela natureza durante as últimas décadas diante das mais variadas tragédias climáticas e de práticas ecocidas encetadas e levadas a cabo por representantes de regimes autoritários, patriarcais e androcêntricos, a exemplo do último e único governo de Jair Bolsonaro e seu ex-ministro do meio ambiente, Ricardo Salles. Com a hegemonia da ética da destruição, a referida mensagem não pode ser outra: precisamos abolir o sistema econômico vigente. E precisamos aboli-lo porque ele põe em execução a ética do competitivismo, do individualismo, das performances da masculinidade danosa, letal, da nunca tão vista incidência de bilionários preocupados com a colonização de Marte e com viagens espaciais possibilitadas por veículos aéreos de alta emissão de dióxido de carbono, da opressão de pessoas não brancas, mulheres, *queer*, em uma constante condição bipolar entre o subemprego e a subsequente alienação e extinção dos direitos trabalhistas.

Na incerteza do amanhã, a síntese do romance, bem como a reflexão que sobressai acerca da iminência do colapso da Terra, parece estar condensada na declaração que Regina faz em carta à sua mãe: “Eu queria imaginar um futuro, mãe, mas acho melhor não. Acho melhor ir imaginando o presente” (POLESSO, 2021, p. 331).

Referências

POLESSO, Natália Borges. **A extinção das abelhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SEGATO, Rita. Refundar o feminismo para refundar a política. In: SEGATO, Rita. **Cenas de um pensamento incômodo**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.